

Capítulo 1

Partos e grilhetas

Quando entro em Tires pela primeira vez, o previsível cenário de autoridade é abafado pela agitação de carrinhos de mão, baldes, cordas e andaimes. O detetor de metais tem ainda plástico a protegê-lo. Cheira a cimento fresco, necessário para os melhoramentos da receção, que se prolongarão até ao final do verão, altura em que também o meu trabalho estará concluído. A reportagem, que começa numa abafada manhã de junho, terminará numa tarde fresca de outubro. Nos meses que se seguirão, passarei a maior parte do meu tempo entre criminosas, guardas prisionais e filhos de reclusas, dentro e fora da cadeia.

Terei tempo para confirmar, já livre de taipais, a imponência do grande portão verde que marca a fronteira entre a liberdade e a reclusão. Vou observar as rotinas das presas de Rhode Island, nos EUA, de Tires, nos arredores de Lisboa, e de Santa Cruz do Bispo, no Norte do país. Sempre para ouvir mães que vivem atrás das grades. Longe dos filhos, com saudades. Ou perto deles, com culpa pela pena imposta aos inocentes.

Tudo isso virá mais adiante. Para já, estou ainda nas primeiras impressões desta fortaleza que se abre e fecha dezenas de vezes ao dia para deixar entrar funcionários, amigos, familiares, médicos, enfermeiros, advogados, cozinheiros, motoristas e voluntários.

Estou na cadeia. Ninguém diria. Ao passar o portão, deparo-me com uma grande largueza. Há espaço, muito espaço. Ouvem-se pássaros e aviões do aeródromo de Tires, que fica logo ali, do outro lado da estrada.

Para chegar ao edifício principal do Estabelecimento Prisional de Tires, é preciso fazer uma caminhada pela quinta — são 34 hectares, o equivalente ao mesmo número em campos de futebol. Vejo a igreja ao fundo e tropeço em pinhas que estalam com o calor, cobrindo o chão de sementes miudinhas.

Antes de atravessar o Pavilhão das Condenadas, ouço risos e gritinhos das crianças que brincam na creche da prisão, passo pelo edifício das reclusas em Regime Aberto no Interior (RAI) e em Regime Aberto no Exterior (RAE), de onde se avista, ao fundo, a Casa das Mães. É lá que vive a maior parte das reclusas que aceitaram ser entrevistadas para esta reportagem.

Ironicamente, só quando olho para o céu encontro um sinal de prisão. Lá está ele, a desfazer todos os enganos — o arame farpado, visível no topo dos 3 metros de altura que o muro impõe.

Nem sempre foi assim. Depois da inauguração, em 2002, a Casa das Mães chegou a ter honras de habitação quase normal, sem arame nem farpas. A fuga tentada por duas reclusas atirou os possíveis traumas das crianças sujeitas ao cárcere para o seu devido lugar — o segundo plano — num espaço que se quer de castigo. Com ou sem infância dentro.

Um dia, durante o recreio, duas mulheres agarraram nos filhos ao colo, apoiaram um pé na casinha de brincar que estava disponível no pátio e com o outro galgaram o muro. Não passaram do portão principal, mas obrigaram à reposição do cenário prisional. Até então não havia acrescentos ao rigor dos muros.

Neste edifício há condenadas por homicídio, tráfico e assaltos à mão armada. Minimizar a hostilidade do ambiente justificava-se apenas porque debaixo do mesmo teto das homicidas, traficantes e assaltantes à mão armada vivem recém-nascidos e menores de 5 anos — os filhos das reclusas.

A inversão de marcha em relação ao arame farpado pode não passar de um detalhe, mas é um daqueles que dizem tudo sobre o que é uma prisão. Por muitas crianças que haja e outras tantas políticas de humanização que se apliquem, as cadeias continuam a ser encaradas como locais onde se fecham — e escondem — as pessoas consideradas perigosas para a sociedade. Mesmo quando juntamente com elas seja preciso enclausurar bebês e crianças.

Um letreiro diz-me que vou entrar no «Regime Fechado». Passo uma porta branca, de ferro, com vidros estreitos, e sou recebida pela guarda Isabel Amorim, que fará honras de anfitriã durante os vários dias de reportagem. Por ela fico a saber que as próprias reclusas comparam a Casa das Mães ao «céu», por oposição ao «inferno» da ala das condenadas. A seu tempo, vamos confirmar — ou desmentir — esta impressão.

Sem o saber ainda, cruço-me com uma das minhas futuras entrevistadas. Raquel é responsável pela faxina na ala das mães e vem à procura de uma guarda. Precisa de autorização para requisitar mais detergentes. Exibe uma longa trança e fala com o à-vontade de quem está em família. Comporta-se assim porque é a mais antiga no estabelecimento.

Reincidente e mãe de dois filhos pequenos — um a viver com ela na Casa das Mães e outro na Casa da Criança —, conhece os cantos ao estabelecimento prisional como poucas das que lá estão.

Em Tires, ser mãe significa ter mais liberdade de movimentos — dentro do recinto fechado, claro está —, além da probabilidade aumentada de conseguir trabalho. Mas o mais valorizado pelas mulheres é o convívio diário com risos de crianças. A maioria tem menos de 3 anos e não compreende o verdadeiro significado das barras de ferro nas janelas. Com a miudagem, a vida na prisão parece humanizada. Quase normal.

Antes de entrar no refeitório, que fica numa ponta da Casa para poder receber mais facilmente a comida vinda de outro pavilhão, passo pela sala onde trabalham várias reclusas. Está cheia de caixas cartonadas com peças de plástico. A tarefa de muitas presas

consiste em encaixá-las para as transformarem em fechos de portas e janelas.

É fácil distinguir as reclusas trabalhadoras pelos seus aventais aos quadradinhos. Uma delas tem uma bata diferente, laranja e preta, em vez de branca com debruado de riscas azuis. Fala com uma certa autoridade: «Tem de ser encaixado assim, estão a ver? Os sacos precisam de alguma folga para se poder confirmar o que está lá dentro!» Hei de me lembrar deste porte quando, daqui a um mês, me apresentarem Silvina, a homicida.

Com ela trabalha uma mulher cansada de vida. Tem menos anos do que lhe daria e obedece às indicações de Silvina, mais por fadiga do que por vontade. Julieta é mãe de cinco filhos, e o último, como acabará por me confessar, foi planeado com um objetivo: garantir que ela conseguiria sobreviver à cadeia. Vivem os dois numa das celas de Tires desde que o bebé tinha 6 meses.

Enquanto descubro os vários serviços e corredores da cadeia, passo por duas grávidas. Sabia já que a Casa das Mães albergava gestantes, mas não pude evitar a impressão de me ter cruzado com estas personagens no cenário errado. Símbolos de futuro, redondos e femininos, não podem passar despercebidos num espaço geométrico e masculino, a transbordar desesperança. Não tardarei a conhecer melhor os porquês, embora nenhum consiga apagar a incompatibilidade. Nem mesmo a visual.

Uma das grávidas, de cabelo descuidado e marcas de tempo vivido com muita pressa, passeia alegremente pelos corredores da prisão. Comenta que o filho parece sem vontade de sair. É toxicodependente; terá, a qualquer momento, um bebé a ressacar por heroína. Dizem-me que iguala o tempo de gestação de Adília, mas esta não leva o momento com tanta ligeireza.

Passo por ela no refeitório, repleto de cadeiras para crianças. Trabalha aqui mais uma das mães que fará parte desta história. Nala, a «mula». Desempregada e com orgulho a mais para pedir ajuda à família, foi aliciada a fazer de correio de droga, entre Dacar e Lisboa. Nunca mais pisaria a capital como mulher livre. O voo de regresso trouxe-a para Tires, onde agora enche os pratos das reclusas

com chispalhada e arroz branco, o almoço de hoje.

Sei ainda muito pouco sobre todas estas mulheres. A minha atenção está focada no presente. E o que ele me revela é uma mulher grávida, à espera do nascimento de uma menina — e de outras tantas angústias. Ainda nem sei se vou conseguir autorização para entrevistar Adília, mas não consigo distrair-me dela. Pica a comida, leva o garfo vagarosamente à boca e não encontra espaço. Mastiga as lágrimas num silêncio autodeterminado, enquanto massaja a enorme barriga com a mão livre de talheres.

As guardas metem-se com ela e comparam-na à reclusa que tem o mesmo tempo de gravidez sem se queixar de nada. Adília faz por ignorar observações trocistas. Mantém-se muda. Nunca saberemos — talvez nem ela mesma saiba — se são os males da alma ou os do corpo a imporem-lhe tanto sofrimento. Provavelmente, só os que não sentem a dor fininha e invasora podem preocupar-se com tais minúcias. Inúteis, como inútil é a satisfação de curiosidades conceituais numa altura destas.

Não é o primeiro filho. Em Cabo Verde, Adília tem uma menina de 9 anos e um rapaz de 15, que desmaiou ao telefone quando soube da prisão materna. Mas é o primeiro filho a nascer na cadeia, num país que não é o seu, rodeada de caras e costumes estranhos.

Continuamos a visita de reconhecimento. Por pouco tempo. A hora de Adília está mais perto do que todos imaginam. Os corredores têm flores de papel penduradas no teto por fios de *nylon*, e as portas exibem fotos e desenhos colados por dentro. Passamos por uma cela com um boneco que tinha escrito «Mariana», prontamente arrancado pela guarda, enquanto justifica: «Esta menina já saiu.»

A caminho do recreio, cruzamo-nos com uma mulher que me obriga a deixar de ouvir as explicações mais ou menos arquitetónicas sobre o espaço onde vivem as mães condenadas. Veste umas *leggings* amarelas pelo joelho. Tem cabelo escuro, apanhado, a contornar a face de pele alva. Julgo ver sardas, mas não sei se estou apenas a tentar enquadrar, numa prisão, o seu metro e meio num rosto de liceu.